



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1389

NARRATIVAS DE VIAGEM: CONTACTANDO A NATUREZA DA AMÉRICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI.

Aline Cristina da Silva Oliveira UEM-LHC
Christian Fausto Moraes dos Santos UEM-LHC

Resumo

O século XVI assistiu ao início do processo da expansão marítima europeia. Os ibéricos, mais dedicados à expansão ultramarina, foram os precursores das navegações por mares desconhecidos. Percorriam a costa atlântica da África em busca de ouro e prata, bem como de especiarias e, no curso deste expansionismo, alcançaram terras ao sul de um Novo Mundo. Ao primeiro contato adentraram na densa Mata Atlântica, e a natureza da América, que tornar-se-ia Portuguesa, perpetuou-se por sua particularidade. Desde o início da colonização, esta floresta fomentou motivos e inspiração para que viajantes, exploradores e jesuítas redigissem uma série de descrições sobre o mundo natural. Nosso objetivo é investigar as descrições deste bioma, preciso à fauna, bem como entender o processo de adaptação e sobrevivência dos colonizadores portugueses na América do início da era moderna. Utilizaremos como fontes o “Tratado descritivo do Brasil”, escrito pelo português Gabriel Soares de Sousa, “O Tratado da gente e terra do Brasil” do padre jesuíta português Fernão Cardim e “A Viagem a terra do Brasil” de autoria do missionário calvinista francês Jean de Léry. Estes relatos, escritos no século XVI, retratam as terras do Brasil, sua geografia, clima, plantas e as espécies de animais (mamíferos, aves, peixes, invertebrados) em que identifica seu habitat, hábitos, aspectos físicos, bem como eram caçadas. Tais crônicas são fontes para entendermos a literatura de viagem do século XVI. São textos que tratam sobre o universo físico da América Portuguesa, bem como trazem aspectos da mentalidade e percepções dos cronistas quinhentistas.

Palavras-chave: América Portuguesa; século XVI; narrativas; fauna; caça.

Introdução

Muitos dos viajantes e exploradores europeus que estiveram na América no século XVI deixaram um legado de inúmeras narrativas contendo descrições e pinturas sobre a natureza do Novo Mundo. Tais relatos nos proporcionam um entendimento sobre o mundo natural da Mata Atlântica daquele período que, para além do fascínio provocado nos colonizadores pela novidade da fauna e flora, os mesmos demonstram o quanto os europeus passariam a conhecer sobre este bioma. Nestas descrições é notório peculiaridades do cotidiano da colônia, como as dificuldades de conseguir alimentos, de se proteger dos perigos da mata atlântica, e as soluções e táticas para sobreviver neste novo mundo como a caça de animais. (SILVA FILHO, 2013, p.9; CONCEIÇÃO, 2013, p.9-10).

Ao aportarem na costa atlântica da América, os viajantes europeus puderam creditar aos seus olhos todos os aspectos do paradisíaco Jardim do Éden. Os homens renascentistas vivenciavam a certeza de existir o jardim criado por Deus para habitar Adão e Eva, e que este lugar seria, por excelência, paradisíaco, belo e repleto de riquezas. Acreditava-se, desde a Idade média, que existiam para além-mar, em terras distantes e isoladas com uma esplêndida natureza de clima ameno e grandes riquezas, isto é, um verdadeiro paraíso. Esta crença era a junção do mito bíblico com os mitos greco-romano das ilhas afortunadas (SEIXAS, 2003, p.23).

De fato, em 1500, quando as primeiras naus europeias atracaram as margens da Mata Atlântica, imaginamos a tamanha maravilha dos viajantes, pois estavam diante de uma das maiores florestas tropicais úmidas do mundo. Sua grandiosidade se alastrava por quase toda a faixa litorânea e calcula-se que sua área predominante era de 15% do território brasileiro, sua extensão original era de 1.296.446 Km². Além da sua grandeza em extensão é uma das mais ricas em abundância de espécies da fauna e flora, pois sua extensão territorial alargar-se de norte ao sul do Brasil, e ao longo deste território muda-

se suas paisagens, como também modifica suas espécies da fauna e flora. A diversificação no relevo, solo e altitudes, caracterizando seu bioma com diversos cenários como formações de florestas ombrófila densa, ombrófila aberta, ombrófila mista, estacional semidecidual, estacional decidual, savana, savana estépica, estepe, formações pioneiras, refúgios vegetacionais com áreas de tensão ecológica e as muitas ilhas oceânicas. (CAMPANILLI, & SCHAFFER, 2010, p.56-60).

Sua rica diversidade também é resultante do clima úmido formado pela entrada de frentes de chuvas do oceano atlântico, juntamente com a influência dos trópicos por se estender através de várias linhas do Equador, o que permite regimes de insolação, pluviosidade e temperatura diferentes. Também, na história evolutiva esta floresta passou por períodos de contatos e de posterior isolamento com outras florestas da América do sul, conexões que contribuíram para a variedade das espécies, bem como as várias mudanças de ecossistema que ocorreram neste bioma ao longo da escala evolutiva. (SILVA & CASTELETI, et.al, 2005 p.44).

A Terra de Vera Cruz, com uma natureza magnífica em quantidades e novidades de cores, odores e ares suscitou, nos primeiros colonizadores, a grande motivação para redigirem suas impressões sobre a paisagem da floresta atlântica. Nestas crônicas, cartas e diários é notória a identificação e comparação da natureza da América portuguesa com o jardim do Éden. (SEIXAS, 2003, p.31). Para além de relatar a beleza natural o que também fez suscitar um número maior de descrições fora a necessidade de apreender e construir um conhecimento sobre este bioma, já que as condições em terras desconhecidas não deu-se de modo favorável para os primeiros colonizadores.

As dificuldades sofridas pelo inóspito ambiente tropical foram cruciais para que esses homens começassem a buscar um entendimento de táticas para sua própria sobrevivência. O ato da própria viagem não pode ser realizado apenas de maneira simples e casual, pois estas mesmas necessitam de alguns preparativos básicos para que no seu percurso os viajantes possam alimentar-se e prevenir-se dos perigos impostos pela mata, como os muito perigos advindos das animálias, como a grande quantidade de répteis, aracnídeos, insetos e outros animais que se designam como pragas, peçonhentos que atordoavam esses homens. (SILVA FILHO, 2013, p.9).

O estabelecimento, portanto, era complexo e árduo. Por razões elementares o grande obstáculo imposto pela floresta, além das adversidades de clima, relevo e das ameaças indígenas, fora a obtenção de alimentos nativos deste ambiente. Como poderiam se alimentar ou conseguir proteínas em um bioma desconhecido? Apesar da grande quantidade de plantas e animais, a atividade de caça, nessa densa floresta, não era algo fácil, dependia de muito conhecimento da mata e esforço para que se conseguisse capturar um animal. (DIAMOND, 2008, p.157-174).

O colonizador em seu cotidiano teve que entender e aprender de maneira rápida que toda a exuberância no ambiente tropical não é a definição de fartura. Por toda a floresta existiam muitos animais e vegetais para os colonizadores manterem uma equilibrada alimentação, porém a distância a ser percorrida para se encontrarem mais de uma espécie do mesmo animal ou de uma planta era muito grande, as espécies viviam de maneira espaçadas entre si. (SILVA FILHO, 2013, p.14-15). A necessidade de se desenvolver estratégias e táticas de sobrevivência em um bioma rico em espécies que co-evoluíram para não serem vistas ou ouvidas se tornou essencial.

As descrições deste bioma perpassavam pelos saberes das vidas em espécies - tanto seus benefícios quanto seus malefícios - entender os cursos dos ventos, das águas com suas minas, e o clima. O desafio também estava no ato de descrever os animais desconhecidos, pois era necessário apreender a significância dos cinco sentidos: visualizar a forma, tamanho, cor e comportamento do animal; ouvir seus sons, sentir seus odores; tocar o corpo e enfim saborear sua carne. (RIBEIRO, 2006, p.1).

Terras adentro, descrições de uma natureza.

As primeiras descrições sobre a natureza da América portuguesa são, de modo geral, tratatos, cartas e crônicas contendo relatos sobre o bioma da mata atlântica, que eram destinadas para o conhecimento da monarquia sobre as peculiaridades do Novo Mundo. Os animais eram encontrados sempre entre as caminhas curtas e em pequenas expedições litorâneas que apareciam à espreita, e nestas ocasiões eram relatadas as caçadas, bem como a experiência em provar o sabor das carnes. (RIBEIRO, 2006, p.4 -5).

Com a intensificação do processo de exploração e expedições por mata adentro e também da permanência prolongada na colônia possibilitou a realização de extensas e minuciosas descrições a cerca do mundo natural, bem como, de relatos de experiências vividas por parte dos exploradores e cronistas. Da terra brasílica os observadores tratam de aspectos gerais e das suas riquezas naturais, como clima, relevo, hidrografia, minerais, fauna, flora, nativos, economia e administração. (RIBEIRO, 2006, p.5).

Importante ressaltar que nas narrativas e descrições da fauna na mata atlântica percebemos o quanto foi grande a contribuição do conhecimento que o indígena detinha sobre o bioma para o aprendizado dos colonizadores. Pois os nativos eram os únicos que detinham os saberes sobre a floresta, e principalmente sobre as espécies de animais e seus comportamentos na mata, tanto que os primeiros colonizadores dependeram totalmente dos conhecimentos indígenas. Foram os Tupis que supriram as necessidades dos portugueses bem como caçar, cozinhar e curar suas doenças (DEAN, 1996, p.83).

As narrativas que utilizaremos como fontes para a discussão deste trabalho são “O Tratado descritivo do Brasil”, escrito pelo português Gabriel Soares de Sousa que esteve, em 1570, na Capitania da Bahia e das terras que percorreu descreveu a geografia. “O Tratado da gente e terra do Brasil” foi escrito pelo padre jesuíta português Fernão Cardim que veio ao Brasil 1583, e percorreu alguns estados do Brasil andou tratou de descrever sua natureza. “A Viagem a terra do Brasil” foi escrito pelo missionário calvinista francês Jean de Léry que, em 1576, esteve no Rio de Janeiro.

A partir do conhecimento destas narrativas faremos uso como nossa fonte para iniciar o objetivo de investigar as descrições deste bioma, precisamente à fauna, para que possamos adentrar sobre as táticas e estratégias de sobrevivência utilizadas pelos europeus para adaptarem no ambiente tropical da América Portuguesa.

Relatos da Animália do Novo Mundo.

Os animais desconhecidos nesta terra surpreenderam mais pela sua diferença. Ao longo do período colonial sempre se fizera a comparação entre as espécies de Portugal e do Brasil. A respeito dos relatos de animais, de

maneira geral, as crônicas possuem os seguintes modelos, os mamíferos são descritos em maior número pelos exploradores e cronistas, sendo as espécies semelhantes com as do velho mundo pouco mencionados, e as espécies exóticas sendo mencionadas por números maiores de textos, com retratos minuciosos e extensos, já que seus aspectos físicos eram incomuns, e ou com comportamentos muito diferentes. (RIBEIRO, 2006, p.12).

Gabriel Soares de Souza no “Tratado descritivo do Brasil” dedicou vários capítulos à descrição de animais como mamíferos, aves, peixes, invertebrados e que identificou seu habitat, hábitos, comportamentos, aspectos físicos e como eram caçados. No que concerne às aves é evidente que o autor relatou uma série de espécies, seu habitat, a sua caça e preparo da carne, bem como sua textura. O motum (*Crax spp.*), foi uma das aves que o cronista português descreveu:

Motum são umas aves pretas nas costas, asas e barriga brancas; são do tamanho dos galipavos, têm as pernas compridas e pretas, e sobre a cabeça umas penas levantadas como pavão, e voam pouco e baixo, correm muito pelo chão, onde as matam a flechadas e as tomam a cosso com cães. Criam no chão, os seus ovos são tamanhos como de pata, muito alvos, e tão crespos da casca como confeitos, e clara deles é como manteiga de porco derretida, a qual enfastia muito. Têm estas aves o bico preto como de corvo. E tocados ao redor de vermelho, à maneira de crista; a carne destas aves é muito boa, como a de galipavos, e têm no peito muitas mais titelas (SOARES, 1576, p.206).

As aves deslumbravam os colonizadores tanto por sua beleza, quanto por seu sabor. Neste período como apresentam as fontes, muitas espécies de animais eram enviados à Europa afim de compor as quintas régias ou os gabinetes de curiosidades “homens e mulheres cultivados normalmente possuíam coleções recheadas de pássaros e conchas, com a dimensão de seu ‘gabinete’ (nome dado a estas coleções) refletindo, frequentemente, a sua riqueza, gosto e nível de refinamento” (FARBER, 2000, p.3). Mas o carregamento de animais se deu por meio do tráfico de animais, pois muitos marinheiros vendiam os animais capturados na mata Atlântica, o que lhes garantia uma considerável fonte de renda (PAPAVERO, 2010, p.253). Aves como Ajerueté (*Amazona aestiva ssp.*) atraíam por sua beleza de cores:

Ajerueté são uns papagaios verdadeiros, que se levam à Espanha, os quais são verdes, e têm os encontros das asas vermelhos, e o toucado da cabeça amarelo; criam nas árvores, em ninhos, e comem a fruta delas, de que se mantêm; cuja carne se come; e para se amansarem tomam-nos novos. Há outros papagaios, a que chama curicas, que são todos verdes, e não têm mais que o só queixo amarelo, e algumas penas as asas encarnadas; os quais criam em ninhos nas árvores, de onde fazem grande dano nas searas de milho; tomam-nos novos para se amansarem em casa, onde falam muito bem; cuja carne comem os que andam pelo mato, mas é dura. (SOARES, 1576, p. 231).

O missionário Jean de Léry na sua crônica “Viagem à Terra do Brasil”, de 1576, inicia seu relato com a descrição de animais de caça. “Na descrição dos animais silvestres do país, chamados genericamente Sóo começarei pelos que lhes servem de alimentação” (LÉRY, 1576, p. 11,12). Inicia o relato com uma anta (*Tapirus spp.*):

O primeiro e mais comum é o tapirussú de pelo avermelhado e assaz comprido, do tamanho mais ou menos de uma vaca, mas sem chifres, com pescoço mais curto, orelhas mais longas e pendentes, pernas mais finas e pé inteiro com forma de casco de asno. (...) pelos dentes que são cortantes e aguçados; não é entretanto animal perigoso, pois só se defende fugindo. Os selvagens o matam a flechadas como fazem a muitos outros ou o apanham com armadilhas astuciosas. Esse animal é muito estimado entre os indígenas por causa da pele (...). A carne do tapirussú tem quase o mesmo gosto da do boi; os selvagens a preparam à sua moda, moqueando-a. (...) Como não salgam suas viandas para guardá-las, como nós fazemos, esse é o único meio de conservá-las. (LÉRY, 1576, p.11, 12).

O padre jesuíta português Fernão Cardim esteve no Brasil em 1583 e percorreu alguns estados do Brasil e também tratou dos hábitos, habitat, comportamentos, aspectos físicos e a caça de várias espécies de animais. Escreveu “O Tratado da gente e terra do Brasil” e faz uma menção ao Tamanduá (*Myrmecophaga tridactyla*):

Este animal he de natural admiração: he do tamanho de hum grande cão, mais redondo que comprido: e o rabo será de dous comprimentos do corpo, e cheio de tantas sedas que pela(n) calma, e chuva, frio, e ventos se agasalha todo debaixo d'elle sem lhe apparecer nada; a cabeça he pequena, o focinho delgado, nem tem maior bocca que de huma

almotolia, redonda, e não rasgada, a língua será de grandes tres palmos de comprimento e com ella lambe as formigas de que sòmente se sustenta: he diligente em buscar formigueiros, e com as unhas, que são do comprimento dos dedos da mão de hum homem o desmancha, e deitando a língua fora pegam-se nella as formigas, e assi a sorve porque não tem bocca para mais que quanto lhe cabe a (40) língua cheia dellas; he de grande ferocidade, e acommette muito a gente e animaes. As onças lhe hão medo, e os cães sobremaneira, e qualquer cousa que tomão com suas unhas espedação; não se comem, nem prestão para mais que para desençar os formigueiros, e são eles tantos, que nunca este animaes os desbaratarão de todo. (CARDIM, 1978, p.39-40).

As crônicas possuem os seguintes modelos: os mamíferos são descritos em maior número pelos exploradores e cronistas, sendo as espécies semelhantes com as do velho mundo pouco mencionados, e as espécies exóticas sendo mencionadas por números maiores de textos; com retratos minuciosos e extensos, já que seus aspectos físicos eram incomuns, e ou com comportamento muito diferente. Para descrever as características físicas de uma espécie percebe-se que era utilizado o parâmetro e comparação de características dos animais do velho mundo. (RIBEIRO, 2006, p.12)

Na terra desconhecida, a construção de saberes.

O bioma do Novo Mundo representou ao mundo ocidental uma nova maneira de entender a fauna e flora. Natureza que se mostrou tão complexa e que desafiou os estudiosos da filosofia natural, pois a grande questão conflituosa foi descrever e classificar as novas espécies situadas na América e, ao passo, que tentava as adequar no padrão epistemológico existente na época, muitas vezes até se reformulando outros padrões classificatórios. Foi uma verdadeira revisão dos saberes concebidos na Europa renascentista. As descrições a cerca da natureza do novo mundo de fato influenciou a filosofia natural na Europa do século XVI. (SILVA FILHO, 2013, p.15).

No século XVI os princípios do padrão epistemológico vigente proviam da doutrina cristã, por exemplo, entendiam a distribuição das espécies dos animais através do mito da Arca de Noé. Ou também, os princípios proviam dos ensinamentos platônico-aristotélicos, como exemplo, em que acreditavam que a linha do Equador era muito próxima ao Equador, e sendo impossível de alcançá-la.

Desde os antigos, apregoava-se que o planeta Terra era dividido em cinco zonas climáticas latitudinais: duas extremamente frias, que circundavam os polos, duas zonas temperadas, respectivamente no hemisfério norte e sul e, por fim, uma zona média, situada na linha do Equador que, de tão quente, inviabilizaria a existência de qualquer ser vivo. (SANTOS & NETO, 2011, p.52).

Assim o novo mundo era desabitado porque era impossível se chegar ao hemisfério sul com o estabelecimento de barreiras geográficas e climáticas entre os dois continentes. Mas o descobrimento do Brasil e a navegação por mares antes inalcançáveis revela a inconsistência destas teorias, que somente imaginavam os trópicos como locais virtuosos e que não tinham a noção de suas novidades e diversidade, ou como o mito a arca de Noé que não sustentou-se diante de tantas espécies nativas do novo mundo. Portanto, os colonizadores, exploradores e cronistas europeus na América Portuguesa tiveram que modificar, repensar todos os seus conhecimentos e teorias a cerca do mundo natural. A diversidade de espécies de animais do Novo Mundo fora um desafio para o entendimento dos homens quinhentistas. (BRACHT, CONCEIÇÃO, 2013, p.17-18).

No século XVI os padrões epistemológicos vigentes proviam do ensinamento religioso, e o grande conflito ao chegarem no Novo Mundo foi tentar encaixar as grandes quantidades de espécies desconhecidas na definida quantidade de espécies alojadas na exígua arca de Noé. Também havia a influência nos estudos filosóficos naturais dos princípios de paradigmas renascentistas, que se baseavam nos ensinamentos platônico-aristotélicos, que somente imaginavam que os trópicos eram locais virtuosos e não tinham a noção de suas novidades e diversidade. Portanto, os colonizadores, exploradores e cronistas europeus na América Portuguesa tiveram que modificar, repensar todos os seus conhecimentos e teorias a cerca do mundo natural. A diversidade de espécies de animais do Novo Mundo fora um desafio para o entendimento dos homens quinhentistas. (BRACHT, CONCEIÇÃO, 2013, p.17-18).

Considerações Finais

A expansão marítima possibilitou aos europeus o contato com novos territórios com diferentes geografias, clima e relevo, uma infinidade de peculiaridades e particulares inseridas ao que chamaram de Novo Mundo. Para os marinheiros, viajantes e exploradores que almejavam encontrar nestas novas terras especiarias e ouros era inevitável o adentramento em biomas completamente desconhecidos por suas percepções. A sensação mítica esteve presente nas primeiras cartas e textos que exploradores e aventureiros enviaram para Portugal afim de noticiar ao monarca da beleza de arvoredos, farturas de águas, coloridas aves, fantásticos animais desconhecidos, e quantidade de plantas, achados de pedras preciosas. Essas particularidades da terra do Brasil confirmava sua origem paradisíaca.

A partir da segunda metade do século XVI os colonizadores passariam a viver e entender a natureza do Novo Mundo de modo mais profundo e minucioso, devido a uma permanência mais prolongada na colônia, como foi, Gabriel Soares de Sousa colonizador tornou-se Senhor de Engenho e também cronista das terras por onde percorreu e se estabeleceu. O contato cotidiano com a mata atlântica possibilitou aos colonizadores um maior conhecimento sobre este bioma, como vemos, na produção de inúmeras narrativas descritivas sobre as espécies da fauna.

Para colonizar o Brasil era necessário sobreviver e adaptar-se em um bioma tão desconhecido, misterioso e magnífico em tamanho e quantidades. A única maneira de sobrevivência era entender o meio ambiente, conhecê-lo, assim como os nativos o conheciam, sendo necessário a observação. As crônicas provenientes da colonização da América Portuguesa são marcadas por uma enorme quantidade de descrições de variadas espécies de animais, assim contribuindo para o conhecimento filosófico natural do século XVI, mas também levando a modificação e revisão de padrões epistemológicos, tantos religiosos quanto aristotélicos, vigente na época.

Referências Bibliográficas

BRACHT, Gisele Cristina da Conceição. No qual se trata do que há nos mares e rios deste novo mundo: A importância dos recursos pesqueiros na

América portuguesa do século XVI. 111 folhas. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá. 2013.

CAMPANILLI, Maura. e SCHAFFER Wigold Bertoldo. (Orgs). M425 Mata Atlântica: patrimônio nacional dos brasileiros / Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas, 2005. Disponível em: file:///C:/Users/Alinepc/Downloads/Mata%20atl%C3%A2ntica%20patrim%C3%B4nio%20nacional%20dos%20brasileiros%20(1).pdf. Acessado em 20.02.2015.

CARDIM, Fernão. Tratados da Terra e Gente do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1978.

DEAN, Warren. A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIAMOND, Jared. Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas. Rio de Janeiro: Record, 2008.

FARBER, Paul Lawrence. *Finding Order in Nature: the naturalist tradition from Linnaeus to E. O. Wilson*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2000.

LÉRY, Jean. Viagem à terra do Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – editora, 1961.

PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins. *O tráfico de primatas brasileiros nos séculos XVI e XVII*. In: PESSÔA, L. M.; TAVARES, W. C.; SALVATORE, S. (Org.). Mamíferos de restingas e manguezais do Brasil. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Mastozoologia & Museu Nacional da UFRJ, 2010, p. 253-282.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. Bestiário Brasílico: a fauna brasileira no imaginário colonial. In: Jacobi, Pedro; Ferreira; Lúcia da Costa. (Org.). Diálogos em ambiente e sociedade no Brasil. 1ed. São Paulo: ANPPAS, Annablume, 2006, v. , p. 59-84. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT16/gt16_ricardo_ferreira.pdf . Acessado em 10.03.2015.

SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; NETO, Juscelino Pereira. A natureza americana nas obras Turrus Babel e Arca Nôe do jesuíta Athanasius Kircher. In: Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano IV, n.10, p. 51-68, Maio 2011.

SEIXAS, Maria Lucília Barbosa. A Natureza Brasileira nas Fontes Portuguesas do Século XVI. Viseu: Passagem Editores, 2003.

SILVA FILHO, Wellington Bernardelli. As Pragas do Paraíso: descrições dos insetos e animais considerados inferiores na América portuguesa do Século XVI. 124 folhas. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Maringá, 2013.

SILVA, José Maria Cardoso. e CASTELETI, Carlos Henrique M. Estado da biodiversidade da Mata Atlântica brasileira. In: Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas. 2005. p.43-59. Disponível em: <http://www.conservation.org.br/publicacoes/files/CapituloVEstadodabiodiversidadedaMataAtlanticabrasileira.pdf>. Acessado em 25 de Fevereiro de 2015 as 20:00.

SOUZA, Gabriel Soares de. Tratado Descritivo do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1971.